

DICIONÁRIOS ESCOLARES: UMA CONTRIBUIÇÃO AO ENSINO DO LÉXICO

Eliana DIAS

UFU

RESUMO: Este artigo tem por objetivo a apresentação de parte da pesquisa intitulada “Dicionários Escolares: uma contribuição ao ensino do léxico”, que se constitui da análise de três dicionários aprovados na avaliação feita pelo PNLD (Plano Nacional de Livros Didáticos – Dicionários). O *corpus* da pesquisa é constituído dos dicionários escolares (Houais, Caldas Aulete e Aurélio Júnior). Os dicionários foram analisados com base nos critérios de Avaliação do PNLD - Dicionários, nos estudos da Lexicografia pedagógica (LP), conforme Duran (2008) e Welker (2008) e, na prática didática do trabalho com os dicionários escolares. Segundo Duran (2008), o florescimento da LP é fruto do conhecimento mais aprofundado sobre os aprendizes e suas dificuldades, aliado, é claro, à evolução da tecnologia e dos próprios conhecimentos linguísticos. Constatamos que cada dicionário escolar analisado exibe uma didática particular, mas, ao mesmo tempo padronizada, uma vez que, ora pode auxiliar o estudante a pesquisar e compreender as palavras-entradas, ora pode confundir-lo com demasiada condensação de explicações e ou resumidas definições. É notável a mudança na elaboração de dicionários escolares antes e depois do PNLD – Dicionários, plano que auxiliou sobremaneira na qualidade das obras lexicográficas destinadas aos estudantes das redes escolares do nosso país. Apesar disso, como foi demonstrado nos resultados dessa pesquisa, ainda há vários ajustes que devem ser feitos para melhorar a troca de experiências entre o dicionário escolar (autor, editora etc.), o professor e o público-alvo a que ele pretende atingir.

Palavras-chave: Léxico; Lexicografia pedagógica; dicionários escolares; análise.

ABSTRACT: This article aims at presenting part of the research entitled "School Dictionaries: a contribution to the teaching of lexicon", which constitutes the analysis of three dictionaries passed the assessment made by PNLD (National Plan for Textbooks - Dictionaries.) The research corpus is composed of school dictionaries (Houais, Aulete Caldas and Junior Aurelius). The dictionaries were analyzed based on the criteria of evaluation PNLD - Dictionaries, in studies of pedagogical lexicography (LP), as Duran (2008) and Welker (2008) and, in the teaching practice of working with school dictionaries. According to Duran (2008), the flourishing of the LP is the result of deeper knowledge about the learners and their difficulties, coupled, of course, the evolution of

-
1. Prof^a. Dra. em Língua Portuguesa e Linguística do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia.

technology and own language skills. We note that each school dictionary examined displays a particular teaching, but at the same time standardized, since it can sometimes help students understand the search and keyword entries, can sometimes confuse it with too much condensation or brief explanations and definitions. It is remarkable, the change in the development of school dictionaries before and after PNLD – Dictionaries, plan that helped greatly in the quality of lexicographical works for the students of the school systems of our country. Nevertheless, as demonstrated in these search results, there are still many adjustments that must be made to improve the exchange of experiences between school dictionary (author, publisher, etc.), the teacher and the audience that he wants to achieve.

Keywords: Lexicon; Pedagogical lexicography; school dictionaries; analysis.

I. Introdução

A presente pesquisa surgiu pelo interesse que tivemos em estudar, de maneira mais abrangente, alguns dicionários e glossários de língua portuguesa. Tivemos a oportunidade de desenvolver duas pesquisas científicas sobre o tema. A primeira “**A Lexicografia em ambiente acadêmico: uso do glossário como ferramenta de apoio**”, fomentada pela agência FAPEMIG, entre março de 2010 a fevereiro de 2011, nos trouxe como contributo alguns conhecimentos prévios no tocante às Ciências do léxico: Lexicologia, Terminologia e Lexicografia – esta última é a ciência que se ocupa da descrição do léxico, a fim de produzir obras de referências, como os dicionários. Alguns deles serão o *corpus* de análise dessa pesquisa.

A segunda pesquisa “**Dicionários Escolares: uma contribuição ao ensino do léxico**” relatada neste artigo teve como objetivo geral analisar três dicionários escolares elaborados para estudantes do ensino fundamental (6º ao 9º ano) das escolas brasileiras. O trabalho de pesquisa teve por base o uso de três critérios retirados do edital do PNLD (Dicionários), do ano de 2012, para avaliação e seleção de dicionários escolares.

Os critérios utilizados foram:

- i) constituição das entradas;
- ii) seleção de itens lexicais nos dicionários escolares, de acordo com a faixa etária do público-alvo;
- iii) análise do uso de abonações nos dicionários escolares.

Tais critérios foram construídos como um padrão de análise, que leva em conta a construção de um dicionário para o ensino do vocabulário nas salas de aula (Lexicografia Pedagógica).

A Lexicografia Pedagógica (doravante LP) é uma vertente da Lexicografia tradicional que ganhou nome e notoriedade há cerca de 20 anos, quando os lexicógrafos despertaram para a necessidade de conhecerem melhor os usuários dos dicionários e suas necessidades. A LP parte do pressuposto de que é preciso conhecer as dificuldades de quem utiliza a ferramenta dicionário para dar à luz soluções lexicográficas capazes de resolver tais dificuldades.

Segundo Duran (2008), o florescimento da LP é, assim, fruto do conhecimento mais aprofundado sobre os aprendizes e suas dificuldades, aliado, é claro, à evolução da tecnologia e dos próprios conhecimentos linguísticos.

A LP produz, elabora os dicionários escolares. Em tempo, “Não se deve confundir lexicografia pedagógica com pedagogia – ou didática – do uso de dicionários.” (WELKER, 2008). Segundo o autor, o ensino do uso de dicionários não deve ser confundido com a LP.

A partir do que foi supracitado, pode-se reafirmar a importância dos estudos na LP, no uso do dicionário escolar em sala de aula, tendo como meta o delineamento de critérios para a construção de propostas lexicográficas adequadas ao público-alvo dos dicionários escolares: os alunos.

O resultado do alcance dessa meta é a formação de um leitor proficiente que estará apto para desfrutar dos seus conhecimentos de língua, especificamente da Língua portuguesa, em quaisquer situações cotidianas que demandem tal proficiência.

Isso deve ocorrer, sem deixar de lado o papel do professor, que deve saber orientar e trabalhar adequadamente as potencialidades do dicionário em sala de aula. Importante se faz levar em consideração que se requer um conhecimento prévio sobre a estrutura dessa obra lexicográfica, por parte do usuário (estudante), para que ele possa ler e consultar o dicionário sem grandes dificuldades.

II. Metodologia

A pesquisa ora descrita teve como parâmetro e ponto de partida o Edital de Convocação do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) – Dicionários, do ano de 2012. A partir da leitura do Edital, foi possível extrair alguns critérios de análise aplicados nos três dicionários escolares escolhidos para serem os objetos da pesquisa.

Dentre os princípios e critérios norteadores da avaliação de dicionários brasileiros de Língua portuguesa estão: representatividade e adequação do vocabulário selecionado (critério que avalia a adequação ao nível de ensino e a faixa etária do alunado visado); adequação da estrutura e da apresentação gráfica do verbete e informação linguística (avalia-se a constituição das entradas, que devem ter, ao menos, a classe gramatical, informações morfossintáticas, etimologia, separação silábica etc.); qualidade das definições; grafia; contextualização (critério que valoriza a presença, para cada acepção, de exemplos ou abonações que auxiliem o estudante na compreensão dos empregos possíveis para cada vocábulo). Esses princípios e critérios de avaliação e, conseqüentemente, de seleção, são fundamentais para que algumas obras sejam selecionadas e aprovadas, podendo compor a lista de livros que o governo destina às escolas públicas do país.

Diante do exposto, é relevante citar que, depois da iniciativa do governo federal em selecionar obras lexicográficas para serem utilizadas nas escolas públicas, a partir do primeiro PNLD, no ano de 2001, houve uma valorização crescente de obras lexicográficas no país pela compreensão de que o dicionário tem um potencial pedagógico que auxilia nos processos de leitura, escrita e entendimento global do texto.

Esta nova realidade com relação aos dicionários compõe um quadro mais propício à qualidade dessas obras, já que o MEC (Ministério de Educação e Cultura) se preocupou com a avaliação deles. Esse processo de avaliação também é feito pelos vários pesquisadores engajados em Programas de pós-graduação (Mestrado e Doutorado) preocupados com a análise dos vários tipos de dicionários escolares que circulam no mercado e nas escolas brasileiras (BOLZAN & DURÃO, 2011, p. 323).

A análise dos critérios feita nos três dicionários escolhidos (Caldas Aulete, Houaiss e Aurélio Júnior) buscou destacar os pontos positivos e negativos que cada obra oferece, visando sempre colocar em primeiro plano o nível de didatismo que os autores consideram, já que ali se utilizaram da prática pedagógica da lexicografia, voltada para alunos do ensino fundamental.

III. Discussão e Análise dos critérios

3.1. Constituição das entradas

As entradas são as palavras destacadas no dicionário, organizadas alfabeticamente (modo de organização mais empregado nos dicionários de língua) e geralmente escritas em negrito, com

um leve recuo e alinhamento à esquerda. Elas podem vir com divisão silábica ou não, dependendo da obra de referência em questão. Mas nem sempre a ordem alfabética das entradas foi o critério de organização mais utilizado. Genouvrier e Peytard (1974) explicam que as entradas podem ser organizadas pela classificação etimológica, em que existe o agrupamento de todas as palavras de uma mesma família em torno da palavra primitiva.

Segundo o que consta no dicionário Caldas Aulete, uma entrada “é o vocábulo em análise. Ela aparece em negrito e abre o verbete que contém as informações a ele relativas.” Já o Dicionário Aurélio Júnior, Dicionário escolar da língua portuguesa, conceitua a cabeça ou a entrada do verbete como o texto que vem sempre em negrito e azul (a cor é uma particularidade desse dicionário escolar), apresentando seu texto com um leve deslocamento à esquerda, para que ele tenha mais destaque.

O dicionário Houaiss apresenta o conceito de entrada de maneira mais elaborada e detalhada, explicando ao leitor-estudante que “a entrada é a palavra, locução, sigla ou elemento de composição (prefixo ou sufixo) que abre o verbete, sendo objeto de definição e/ou de informação.”

Fato interessante e importante é o de que todos os três dicionários analisados apresentam o conceito de entrada para os jovens leitores, mesmo que, de maneira bastante simples e direta, fazendo com que se crie, por parte desses leitores, uma ideia elementar organizacional, bem como uma ideia científica e teórica do item lexicográfico dicionário e de suas particularidades.

Nos três dicionários escolares analisados, há um espaço destinado à explicação de como as entradas, os lexemas - parte de uma palavra que possui uma unidade mínima com significado lexical – presentes em cada obra, estarão constituídos e apresentados, ou que tipo de sistema organizacional foi utilizado naquele espaço lexicográfico.

O Dicionário Aurélio Júnior: dicionário escolar da língua portuguesa apresenta em seu prefácio algumas considerações acerca da organização e da maneira em que o dicionário foi produzido, sempre zelando por cuidados, como, por exemplo, a linguagem adequada ao jovem leitor (público infantil de 3ª e 4ª séries e, eventualmente, de 5ª série), utilizando como referência “uma rica biblioteca de livros didáticos de 3ª e 4ª séries” (Prefácio, página 4, *Aurélio Júnior*). Outro fator que os editores destacam e foi trazido para o Aurélio Júnior como novidade são as rubricas que reúnem áreas do conhecimento. O que antes vinha destacado nas **entradas** como fazendo parte da Geometria, Álgebra, Trigonometria (áreas específicas da Matemática) agora aparece no Dicionário simplesmente como Matemática.

Ainda sobre as considerações acerca da organização das entradas no dicionário Aurélio Júnior, existe aquela em que se destaca a mudança no uso de abreviaturas, objetivando, mais

uma vez, um melhor entendimento por parte dos alunos. Mais especificamente, abreviaturas que antes apareciam nesse dicionário como “s.f.” destinada à classificação gramatical de substantivo feminino, mudou para a forma “subst. fem.”, uma redução mais fácil de entender.

No dicionário Houaiss da língua portuguesa também foi citada a preocupação com a linguagem escolhida e com a concisão das definições, tendo em vista a identificação com o público-alvo (os alunos do ensino fundamental), mas não somente esse, justamente por ser um minidicionário que pode ser utilizado em âmbito escolar, e não um dicionário escolar propriamente dito. Essa obra atentou-se para o uso de formas gráficas de cor diferente (alaranjada) que definem e ao mesmo tempo destacam a classe gramatical - a qual a palavra em questão pertence - do restante do texto que constitui o verbete, e a classe gramatical em questão é apresentada nesse dicionário logo após a entrada. Exemplo: **cor.da** *s.f.* **1** feixe de fios torcidos em espiral.

No Houaiss existe uma seção intitulada “Como é este dicionário” onde aparece a definição resumida do que é uma “entrada” e como as entradas neste dicionário estarão constituídas: “Neste dicionário, vem em negrito e em tipo redondo, se se tratar de língua portuguesa, e em negrito e em tipo itálico, se se tratar de palavra ou locução de língua estrangeira.” Trata-se também, nessa seção, das divisões silábicas; a entrada já é apresentada ao leitor com as suas sílabas separadas, bem como o que ocorre também no dicionário escolar Aurélio.

O Caldas Aulete apresenta os seus textos dispostos de uma maneira não tão didática e atraente, já que ele não opta por muitas separações de espaços e pelo uso de cores diferentes. O prefácio do dicionário é grande e pouco atraente à leitura, apesar de ali estarem contidas informações importantes sobre o conteúdo do dicionário, como a utilização de ilustrações que complementam a explicação encontrada no verbete, o registro de estrangeirismos, informações indicando se a palavra procurada se enquadra no linguajar formal ou informal, a algum regionalismo, ou seja, aponta inteligentemente as marcas de uso.

Muitas informações sobre a estrutura do dicionário são dadas logo no prefácio, porém, pela disposição em que o texto se encontra, o estudante provavelmente não dará a devida atenção a ele. Outro aspecto analisado é o de que, assim como o dicionário Houaiss, o Caldas Aulete não se dirige especialmente aos alunos dos ensino fundamental, como bem faz o dicionário escolar Aurélio. O Caldas Aulete se refere ao leitor como “consulente”, apenas.

Ao contrário dos outros dois dicionários escolares, o Caldas Aulete apresenta a palavra-entrada sem a separação das sílabas para, logo em seguida, apresentar a palavra entre parênteses, e com a divisão silábica. Interessante essa preocupação, posto que alguns alunos, ao lerem a

palavra da entrada já posta com a divisão silábica podem se confundir e pensar que a palavra é grafada do jeito que ali foi apresentado.

Consideramos interessante mostrar a palavra na sua forma escrita normal e depois como ela se apresenta tendo suas sílabas separadas.

Um aspecto relevante é a identificação das marcas de uso nos dicionários, mais especificamente, nos dicionários escolares. Essas marcas podem estar relacionadas à variação no espaço (regionalismo), à variação no tempo (arcaísmo), à variação na sociedade (cultismo/vulgarismo) e à variação temática (língua de especialidade). Consideramos, então, que as marcas de uso caracterizam palavras que, de alguma maneira, desviam-se de um padrão corrente, comum, numa comunidade linguística.

Sobre o espaço que cada um dos três dicionários analisados dispõem, no que diz respeito às marcas de uso presentes nas definições das entradas, pode-se afirmar que o dicionário *Caldas Aulete* é o que se encontra mais completo nesse quesito, demarcando muito bem as ocorrências. O dicionário Houaiss apresenta na seção “Como é este dicionário” informações sobre o nível de uso das palavras presentes no dicionário, como gírias, linguagem infantil, acepções jocosas, linguajar chulo etc.

Já no dicionário escolar Aurélio não há uma indicação direta de como as marcas e níveis de uso estão presentes no dicionário, há apenas uma breve demonstração de como alguns empréstimos ou estrangeirismos são identificados nos verbetes.

Sabemos que cabe ao dicionarista registrar e marcar as variantes utilizadas no léxico de uma comunidade linguística, por isso, encontramos diferenças na presença de marcas de uso de um dicionário para outro, bem como a disposição e formatação das entradas, de acordo com o que foi analisado nos três dicionários mencionados neste artigo.

3.2. Seleção de itens lexicais nos dicionários escolares de acordo com a faixa etária do público-alvo

É interessante questionarmos quais são os critérios que os lexicógrafos utilizam para selecionar as palavras que devem constar em um dicionário de uso escolar. Se formos levar em consideração o público-alvo, que é formado pelos alunos do Ensino fundamental II (faixa etária de 11 a 14 anos), deveríamos encontrar, além das palavras padrões da língua, como: bola, cachorro, árvore, céu, João, também palavras que façam parte do universo pré-adolescente, palavras novas, que estão sendo inseridas recentemente à nossa língua.

Exemplos de algumas delas são as que acompanham os avanços tecnológicos, outras que se referem às gírias dos jovens, ou até mesmo de palavras que já existiam e que receberam outros valores, outros significados além dos que já haviam sido marcados em outras épocas.

Para sustentar esse critério de análise, será tomado como base o artigo de Leonardo Fuhrmann, intitulado “Novas palavras imortais”, publicado na *Revista Língua Portuguesa*, número 84. Nesse artigo, o autor menciona uma série de palavras que foram incorporadas recentemente aos dicionários Houaiss, Aurélio, Caldas Aulete e Michaelis. Algumas dessas palavras já faziam parte do universo linguístico dos brasileiros há tempos, como por exemplo, a palavra “chororô” que, apesar de já estar há muito “rodada”, só recentemente foi incorporada ao dicionário Aurélio.

Assim como existe a inclusão de novos verbetes, o contrário também ocorre. Palavras como “pêssega – moça bonita, atraente” e “broslar – bordar, ornar” foram retirados dos dicionários por já terem entrado em desuso, ou seja, por já não fazerem parte do vocabulário dos brasileiros. Dessa maneira, o fazer lexicográfico se renova ao acompanhar as mudanças da sociedade.

Para dar conteúdo à análise, foram selecionadas 13 palavras que fazem parte do universo linguístico do público-alvo (alunos do Ensino fundamental) que utiliza os dicionários escolares. As palavras são: ficar (sentido de namorar), baixar (transferir dados), blogar, nerd, malhar (fazer ginástica), ferrar (sair-se mal), pintar (aparecer), ralar (esforçar-se), antenado, balada (festa), azaração (paquerar), irado (algo legal, interessante), chocólatra. Todas essas palavras foram consultadas nos três dicionários (*Caldas Aulete, Aurélio e Houaiss*) e, no caso de estarem presentes, foram analisados quais os significados que podemos encontrar em seus verbetes, evidenciando apenas as acepções com valores novos, que são as que nos interessa nessa pesquisa.

Segue abaixo a lista, em ordem alfabética, contendo essas palavras, acompanhadas de suas acepções de acordo com cada dicionário:

Antenado

Aurélio Júnior: a entrada não está presente. Encontra-se o registro da expressão “De antena(s) ligada(s)”. *Brasileirismo* Atento ao que se passa.

Caldas Aulete: a entrada está presente e se apresenta assim: “**antenado** (an.te.na.do) **a. 1** Que tem antenas. **2. Bras. Fig. Gír.** Que está ou procura estar bem informado sobre o que acontece à sua volta: *Era um jornalista antenado com os bastidores da política.*”

Houaiss: entrada se faz presente da seguinte maneira: “**an.te.na.do** *adj.* **1** com antena(s) **2***fig. infrm.* bem informado; atento.”

Azaração

A entrada “azarção” não foi encontrada em nenhum dos três dicionários escolares, embora o verbo azarar apareça em todos os três da forma em que se segue:

Aurélio Júnior: “**a.za.rar 2. Gíria** Paquerar.”

Caldas Aulete: “**azarar** (a.za.rar) **2** *Gír.* Tentar namorar; Paquerar. [**td.:** João azarou Maria durante a festa. **int.:** Os rapazes saíram para azarar.]”.

Houaiss: “a.za.rar *v. t.d e int. gír* **2** mostrar interesse amoroso (por); paquerar.”

Baixar

Aurélio Júnior: a acepção não existe no sentido procurado.

Caldas Aulete: “**baixar** (bai.xar) **4. Inf.** Obter cópia de arquivo localizado em uma rede de computadores ou na internet. [**td.:** baixar um programa/um jogo.]”.

Houaiss: “**bai.xar 4** (prep. *de, para*) INF transferir (dados) de um computador (para outro).”.

Balada

A entrada balada, com o sentido moderno a que lhe foi atribuído, foi encontrada somente no dicionário *Caldas Aulete*.

Caldas Aulete: “**balada** (ba.la.da) **3. S.E. Gír.** Programação noturna de lazer.”.

Blogar

Nenhum dos dicionários escolares apresentou a entrada “blogar”, embora o dicionário *Aurélio Júnior* e o *Caldas Aulete* apresentem entradas de “blogueiro” e “blog”, respectivamente.

Chocólatra

A entrada “chocólatra” apresenta-se apenas no dicionário escolar *Caldas Aulete*.

Caldas Aulete: “**chocólatra** (cho.có.la.tra) **s 2 g.** Quem adora chocolate, e/ou que come muito chocolate.”.

Ferrar

Aurélio Júnior: “**fer.rar 6. Brasileirismo Gíria** Sair-se mal.”.

Caldas Aulete: “**ferrar** (fer.rar) **v. 6. Bras. Gír.** Causar mal ou dano a alguém, ou sofrê-lo. [**td.:** Assim você vai ferrar seu parceiro. **pr.:** Fui irresponsável e me ferrei.]”.

Houaiss: “**fer.rar** *t.d. e pron. 6 B infrm.* deixar ou ficar mal, sem saída; prejudicar (-se) ~ **ferradoadj.**”.

Ficar

Aurélio Júnior: “**fi.car 15. Brasileirismo Gíria** Trocar carinhos por período curto, mas sem compromisso de namoro.”.

Caldas Aulete: “**ficar** (fi.car) v. 14 *Pop.* Namorar sem compromisso. [**ti.** + com: *Nas festas, sempre ficava com alguém. int.: Ficaram uma única vez.*].”.

Houaiss: “**fi.car v. 16** (prep. *com*) *B infrm.* manter convívio de algumas horas (com), sem compromisso de estabilidade ou fidelidade amorosa.”.

Irado

Aurélio Júnior: “**i.ra.do adj. 2. Brasileirismo Gíria.** Muito legal, muito bom.”

Caldas Aulete: “**irado** (i.ra.do) 2 *Gír.* Bom, interessante, bacana, legal: *Ganhou um presente irado do pai.*”.

Houaiss: não apresentou a acepção com o sentido desejado.

Malhar

Aurélio Júnior: “**ma.lhar 4. Brasileirismo Gíria** Fazendo ginástica vigorosa visando musculação ou emagrecimento.”.

Caldas Aulete: “**malhar** (ma.lhar) v. 1 *Bras.* Fazer ginástica (em, com); EXERCITAR (-SE). [**td.:** malhar as pernas. **int.:** Prefiro malhar a ter vida sedentária.]”.

Houaiss: “**ma.lhar v.t.d e int. fig. B. infrm. 4.** exercitar (o corpo ou partes dele) para fortalecer a musculatura, emagrecer.”.

Nerd A entrada foi encontrada apenas no dicionário escolar *Caldas Aulete*.

Caldas Aulete: “**nerd** a2g. s2g. *Gír.* Que ou quem é pouco sociável, que só quer saber de estudar ou trabalhar.”.

Pintar

Aurélio Júnior: não apresentou na entrada “pintar” a acepção desejada.

Caldas Aulete: “**pintar** (pin.tar) v. 5. *Bras. Pop.* Aparecer ou acontecer. [**int.:** Pintou uma oportunidade de emprego.]”.

Houaiss: “**pin.tar v. 10 B gír.** Acontecer, ocorrer <*se ele aparece, pinta confusão*>.”.

Ralar

Aurélio Júnior: “**ra.lar Intrans. 3. Brasileirismo Gíria** Trabalhar com afinco”.

Caldas Aulete: “**ralar** (ra.lar) v. 4 *Bras. Fig.* Trabalhar ou esforçar-se extremamente. [**int.:** Ralava, para melhorar de vida]”.

Houaiss: “**ra.lar v. int. B infrm. 3** trabalhar muito”.

A partir das palavras analisadas, podemos levantar alguns questionamentos acerca da seleção das entradas nos três dicionários escolares. Primeiramente, nota-se que, na busca das entradas voltadas para uma determinada acepção, apenas um dicionário escolar foi mais completo e mais atento no sentido de apresentar palavras modernas, todas elas pertencentes ao vocabulário dos jovens, que são o público-alvo da obra. Esse fato deve ser considerado positivamente, já que, mais uma vez, a identificação do leitor com o livro é um passo fundamental para que haja um melhor aproveitamento de estudo e de compreensão no processo escolar.

Os dicionários Houaiss e Aurélio Júnior obtiveram o mesmo desempenho no que diz respeito ao conteúdo e a presença das entradas escolhidas. Ambos não apresentaram acepções para determinadas entradas ou até mesmo não apresentaram a entrada procurada. Por exemplo, a entrada “chocolatra”, que sequer foi inserida nesses dicionários. Outro exemplo é a entrada “balada”, que se faz presente nos dois dicionários, mas não com o sentido de “festa”.

Devemos nos lembrar de que as definições (acepções) de um vocábulo devem dar conta do uso nas diversas situações de comunicação em que ele é usado. Ambas as palavras (“balada” e “chocolatra”) certamente fazem parte do vocabulário ativo dos estudantes do ensino fundamental, então, por que não inseri-las nos dicionários escolares?

Contrastando aos demais dicionários escolares da análise, o Minidicionário contemporâneo da língua portuguesa Caldas Aulete, se mostrou muito bem sucedido. Todas as entradas pesquisadas, no que diz respeito às nossas escolhas, foram encontradas em suas páginas, exceto a entrada “blogar”, que não foi publicada em nenhum dos três dicionários escolares, embora as formas “blogueiro” e “blog” tenham sido encontradas no Aurélio Júnior e no Caldas Aulete, respectivamente, o que já demonstra preocupação com essa terminologia moderna e tão difundida pelos jovens.

Se o dicionário apresenta a entrada “blog” e a(s) sua(s) acepções, o aluno é capaz de inferir a partir dessa entrada que “blogar” é uma ação praticada por alguém que possui ou acessa um “blog”. Interessante é o fato de que no Houaiss “maior”, o que não é escolar, o termo “blogar” está presente.

No artigo de Leonardo Fuhrmann (2012) “Novas palavras imortais”, o termo “blogar” é visto como uma das novidades do Houaiss, obtendo a acepção de “digital, escrever num blogue.” Da mesma forma, o “blogar” aparece como um termo que chegou ao Aurélio no século 21, de acordo com o artigo.

Por que havia “blogueiro” no dicionário escolar e não “blogar”? O blogar se manteve apenas no dicionário Aurélio não-escolar. Por quê?

Tendo em mente esses questionamentos, percebemos que a pesquisa com as 13 palavras obteve melhor resultado no dicionário Caldas Aulete, que não se apresentou muito didático quando a análise do primeiro critério foi feita, por apresentar textos muito extensos ou por não se utilizar de tantos recursos gráficos que facilitariam a leitura do estudante.

O dicionário Caldas Aulete, todavia, possui um conteúdo muito moderno e que está atento ao seu público-alvo. As entradas e as específicas acepções das palavras “nerd”, “chocólatra” e “balada”, apesar de serem muito breves, foram encontradas apenas no referido dicionário.

Resta saber se as palavras que não foram inseridas em todos os três dicionários foram esquecidas ou consideradas como irrelevantes por essas obras lexicográficas. Acreditamos que a segunda hipótese não é muito plausível, posto que qualquer palavra de uma língua, desde que possua um valor e seja utilizada por um grupo considerável de pessoas, deva ser considerada valiosa e, portanto, fazer parte de um dicionário. Segundo o lexicólogo-chefe do Instituto Houaiss, Mauro Villar, o critério fundamental de inclusão é o percentual de uso na língua falada e escrita:

Pequenos dicionários costumam ficar restritos àquelas percentualmente mais ocorrentes e mais usuais no dia-a-dia. Os maiores, como o *Houaiss*, registram a língua desde o século 9, fazendo, então, uma escolha baseada no percentual de uso por meio da história da língua, mas que leva em conta as dicionarizações anteriores de vocábulos em outras obras de referência (VILLAR, 2012, p. 38).

Consideramos que os dicionários escolares devem se atentar ao fato de que os jovens possuem um vocabulário próprio (os dicionários terminológicos trabalham nisso), assim como cada grupo, cada tribo da sociedade possui e sabe-se que é impossível catalogar todos os itens linguísticos, já que eles são extremamente dinâmicos. Mas, quando uma obra lexicográfica se propõe a ser voltada para o ensino, para a escola, há de se refletir duas vezes sobre a seleção das entradas, o papel didático e a interação que elas poderão estar exercendo.

3.3. Uso de abonações nos dicionários escolares

O dicionário Aurélio Júnior traz a definição de abonação como sendo “um tipo de exemplo retirado de texto literário, jornal, revista ou letra de música. O texto da abonação vem

entre aspas. Em seguida, entre parênteses, o nome do autor e o título da obra de onde foi retirada a abonação, em itálico.” A definição teórica dada por esse dicionário escolar é completa, mas não pode ser generalizada. Nem sempre as abonações aparecem nos dicionários grafadas em itálico ou entre parênteses. O dicionário Caldas Aulete, apesar de não trazer a definição de abonação em seu conteúdo, faz referências a ela.

Evanildo Bechara cita a presença das abonações. Para ele, abonações de todos os fatos até agora assinalados, extraídas da literatura ou de jornais de grande circulação no país, ou ainda exemplos elaborados pelos lexicógrafos elucidam e contextualizam as palavras estudadas.

As abonações nos dicionários começaram a receber maior atenção na obra lexicográfica de Antônio de Morais Silva, em sua segunda edição, em 1813. O autor escreveu no prólogo do dicionário a sua preocupação com o *corpus* utilizado na abonação dos verbetes. As melhores abonações encontradas nos verbetes do dicionário de Morais estão presentes em obras dos séculos XVI e XVII, que são consideradas por Morais como modelos de boa linguagem, como: Luís de Camões, Gil Vicente, Damião de Góis, Diogo de Couto, Duarte de Nunes Leão, Fernão Mendes Pinto, Francisco de Sá de Miranda, Padre Antônio Vieira etc.

Porém, o lexicógrafo não só buscou abonações em autores literários, mas também nas áreas da Filosofia, Ciências Sociais, Política, Matemática, Física, Química, Astronomia, Engenharia, Agricultura, Artes, História e Botânica. E um dos pontos mais interessantes e relevantes de seu dicionário é o de indicar o registro linguístico da entrada.

O dicionário Aurélio do tipo *thesaurus*, o grande, considerado não-escolar, intitulado Novo Dicionário da Língua Portuguesa, possui média de 500 mil entradas e o seu autor, Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, afirma que utilizou um vasto *corpus* para extrair as abonações dos verbetes: 770 autores e 1610 obras.

Essas fontes utilizadas nas abonações incluem escritores portugueses e brasileiros desde o século XVI até os primeiros anos da década de 1970. Alguns dos autores selecionados são: Fernando Pessoa, Padre Antônio Vieira, Graciliano Ramos, João Guimarães Rosa, Luís de Camões, Oswald de Andrade, Mário de Andrade, Sérgio Buarque de Holanda etc. Em suma, as abonações são predominantemente constituídas pelos chamados “modelos de linguagem”, os clássicos, como Machado de Assis e Camões.

Especificamente, no dicionário Aurélio Júnior, encontramos exemplos de abonações que reiteram o conceito que o lexicógrafo aplicou logo nas primeiras páginas do dicionário. Alguns exemplos de abonações são: “**fe.rir** 3. Tocar, tanger: “Orfeu as cordas fere” (Tomás Antônio Gonzaga, *Marília de Dirceu*).”. Outro exemplo encontrado no mesmo dicionário é: “**pe.gar** 3.

Contrair (doença) por contágio etc.: “Tinha gente que pegava catapora, quando estava fazendo a tarefa dos outros” (Ruth Rocha, Este Admirável Mundo Louco)”.

No dicionário escolar Caldas Aulete, a estruturação das abonações segue a mesma lógica da que o Aurélio Júnior apresenta: “o texto da abonação vem entre aspas. Em seguida, entre parênteses, o nome do autor e o título da obra de onde foi retirada a abonação, em itálico”. Alguns exemplos encontrados foram: **abarcar** (a.bar.car) **v. td.** abranger: “... nessa capacidade de tudo compreender, de tudo abarcar...” (Cecília Meireles, Crônicas de Educação 1)”.

Nesse exemplo, podemos comprovar que a fonte da abonação foi criada a partir de algum meio da literatura. Outro exemplo de abonação que o Caldas Aulete propõe é o daquela retirada de jornais de grande circulação no país, como: “**aberração** (a.aber.ra.ção) **sf.** “Tal medida, além de ser uma aberração jurídica...” (Folha SP, 21.11.99)”.

Assim como os lexicógrafos formulam as abonações dos dicionários a partir de textos literários, reportagens de jornais, revistas e até mesmo de letras de música (como citou o Aurélio Júnior), eles podem também criar exemplos que elucidam a compreensão dos significados das palavras, fato que acontece com maior frequência. Alguns exemplos encontrados são: “**autodestruição** (au.to. des.tru.i.ção) **s.f.** Destruição de si mesmo: O álcool levou-o à autodestruição.”; “**autógrafo** (au.tó.gra.fo) **s.m.** 1. Assinatura de pessoa famosa: Conseguiu um autógrafo do Romário”.

O Houaiss da língua portuguesa não faz referência ao uso de abonações em seu prefácio e até mesmo nas páginas seguintes que antecedem as entradas dos verbetes. É comprovado a seguir, na composição das entradas, que esse dicionário escolar não utiliza abonações e sequer exemplos lexicográficos para que os estudantes possam melhor compreender as acepções ali colocadas.

A título de comparação, foi procurada a entrada “andar” nos três dicionários escolares, afim de analisarmos o uso de abonações e/ou exemplos que os dicionaristas puderam inserir. No dicionário Aurélio Júnior: “**an.dar** *verb intrans.* **1.** Movimentar-se, dando passos: *Ela só andou com dois anos.* **2.** Passar (o tempo): *As horas andaram depressa, hoje.* **3.** Trabalhar, funcionar: *Esse relógio não anda...*”; no Caldas Aulete: “**andar** (an.dar) **v.** 1 Ir de um ponto a outro, dando passos. [**int.:** *Andou rápido para sair da loja.*] 2 Mover-se por meio de transporte. [**ti.** + de: *Só andava de táxi.*]...” e no Houaiss: “**andar** **v.** {mod.1} **int.** **1** percorrer ou fazer caminho a pé; caminhar **2** mover-se, por força própria ou não **3** decorrer, passar (o tempo)...”.

Nota-se a ausência de qualquer tipo de exemplificação ou de abonação. Consideramos isso um erro grave, porque o dicionário que se coloca como sendo escolar, inclusive, foi inserido pelo PNLD/2006, “atenta-se para a linguagem e a concisão das definições especificamente em

relação ao seu público-alvo, os alunos do ensino fundamental – embora não somente esse”, mas esqueceu-se da importância do didatismo dos exemplos e das abonações.

Não consideramos esse dicionário escolar como sendo adequado para o uso em sala de aula, muito menos para alunos do ensino fundamental, já que ele peca na concisão das definições, enquanto poderia alongar-se mais nelas, visando a uma melhor compreensão por parte do leitor.

Mais do que um guia para orientar os falantes quanto ao modelo de “bom” uso da língua, as abonações atualmente ilustram e completam as definições, auxiliando a compreensão do leitor. Se antes os exemplos e ou as abonações eram usados para ditar como deveria ser usada a língua, hoje são incluídos nas obras com objetivo de atestar os diversos usos das palavras, comprovando o funcionamento da normal real do idioma.

IV. Considerações finais

Diante do que foi proposto para a pesquisa, com vistas à análise didática dos dicionários escolares escolhidos, levamos em conta que o procedimento teórico-metodológico no que diz respeito à elaboração do dicionário pautou-se pelo viés da LP.

Constatamos que cada dicionário escolar exibe uma didática particular, mas ao mesmo tempo padronizada, uma vez que, ora pode auxiliar o estudante a pesquisar e compreender as palavras-entradas, ora pode confundi-lo com demasiada condensação de explicações e resumidas definições.

E, para embasar a pesquisa, foram inseridos os três critérios pautados no PNLD – Dicionários do ano de 2012, que serviram para guiar a análise e ao mesmo tempo estabelecer um parâmetro de avaliação já consolidado e aplicado pelo Governo nas diversas obras candidatas a se tornarem livros didáticos nas escolas públicas do país.

A partir da criação do PNLD, instaurou-se uma ampla preocupação, por parte das editoras, com fatores que determinam a qualidade dos dicionários escolares, tanto no campo pedagógico, quanto no lexicográfico. Todos os princípios e critérios estabelecidos nos editais do PNLD – Dicionários se tornaram um referencial de qualidade.

Mas a mudança não aconteceu somente nos meios editoriais. Ela foi percebida no ensino do léxico e do vocabulário, em livros didáticos de língua portuguesa, que passaram a apresentar com maior frequência atividades de compreensão de texto que envolvem alguma percepção quanto ao vocabulário, muitas vezes fazendo referências ao uso dos dicionários.

Certamente, é notável a mudança na elaboração de dicionários escolares antes e depois do PNLD – Dicionários, fator que ajudou bastante na qualidade das obras lexicográficas destinadas aos estudantes das redes escolares do nosso país. Apesar disso, como foi demonstrado nessa pesquisa, ainda há vários ajustes que devem ser feitos para melhorar a troca de experiências entre o dicionário escolar (autor, editora etc.) e o público-alvo a que ele pretende atingir.

Esses ajustes devem estar ligados à melhor elaboração das definições, apresentação de um guia sobre o uso da obra lexicográfica, como são organizadas as palavras, o que significam as abreviaturas e abreviações que ali podem ser encontradas, bem como o uso de recursos como abonações, exemplos e ilustrações que auxiliam em muito a compreensão do aluno.

É clara a necessidade de melhora dos dicionários escolares, como foi percebido. Cabe, portanto, ao lexicógrafo ajustar a sua obra à proposta lexicográfica em questão, fazendo uso de ilustrações, principalmente para as obras que se destinam aos primeiros anos do ensino fundamental, auxiliando, por exemplo, o aluno a localizar a palavra procurada. Já nos anos mais avançados do ensino fundamental, é desejável que sejam feitos investimentos nas definições das entradas, recorrendo ocasionalmente às ilustrações, a fim de que o estudante pratique a leitura e compreensão do texto apresentado.

Em suma, acreditamos que é preciso ajustar os recursos disponíveis aos fins e aos públicos visados, tornando as definições dos dicionários escolares mais produtivas, interessantes e interativas.

V. Referências bibliográficas

AULETE, Caldas. **Dicionário contemporâneo da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004.

BOLZAN, Rozane Maria; DURÃO, Adja Balbino de Amorim Barbieri. **A formação docente em lexicografia e a realidade sobre o trabalho com dicionários em sala de aula**. Eutomia – Revista de Literatura e Linguística, 2011, p.323-345.

BRASIL. Secretaria de Educação Básica. **Edital de convocação para o processo de inscrição e avaliação de dicionários brasileiros de língua portuguesa para o Programa Nacional do Livro Didático – PNLD**. Ministério da Educação, 2012.

DURAN, Magali Sanches. A lexicografia pedagógica e sua contribuição para a mudança do paradigma lexicográfico. In: **Lexicografia pedagógica: pesquisas e perspectivas**. XATARA, Claudia.; BEVILACQUA, Cleci.; HUMBLÉ, Philippe. (Orgs.). Universidade Federal de Santa Catarina. NUT – Núcleo de Tradução: Florianópolis, 2008.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio Júnior**: dicionário escolar da língua portuguesa. Curitiba: Positivo, 2005.

_____. **Novo dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1975.

FUHRMANN, Leonardo. **Novas palavras imortais**: os verbetes e sentidos mais recentes de dicionários como Michaelis, Houaiss, Caldas Aulete e Aurélio. *Revista Língua Portuguesa*. Outubro de 2012, nº 84.

GENOUVRIER, E; PEYTARD, J. *Linguística e ensino do Português*. Coimbra: Almedina, 1974.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

MORAIS SILVA, Antônio de. **Dicionário da língua portuguesa**. — *Fac-simile* da segunda edição, 1813, fotografada pela *Revista de Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, Oficinas de S.A. Litro Typographia Fluminense, 1922. 2v.

WELKER, Herbert Andreas. *Lexicografia pedagógica: definições, história, peculiaridades*. In: **Lexicografia pedagógica: pesquisas e perspectivas**. XATARA, Claudia.; BEVILACQUA, Cleci.; HUMBLÉ, Philippe. (Orgs.). Universidade Federal de Santa Catarina. NUT – Núcleo de Tradução: Florianópolis, 2008.